



**DAS VEIAS AOS ESPELHOS:
A trajetória de Eduardo Galeano**



Fábio André Diniz Merladet

Eu tinha ainda 12 anos e passava sempre as férias escolares na casa do meu pai, que é uruguaio. Ele saía para trabalhar e eu, sozinho, mexia em tudo na casa. Foi então que vasculhando os móveis e gavetas encontrei um livro velho e empoeirado chamado *El Libro de los Abrazos*. Na época ainda não entendia muito bem o espanhol, mas aquele título encantador acendeu minha curiosidade, abri o livro em uma página qualquer e encontrei uma crônica que nunca mais pude esquecer:

El hambre/2

Un sistema del desvínculo: El buey solo bien se lame. El prójimo no es tu hermano, ni tu amante. El prójimo es un competidor, un enemigo, un obstáculo a saltar o una cosa para usar. El sistema, que no da de comer, tampoco da de amar: a muchos condena al hambre de pan y a muchos más condena al hambre de abrazos. (Galeano, 1989: 81).

1. Introdução

Nascido em 03 de setembro de 1940 em uma família católica de classe alta da cidade de Montevidéu – Uruguai, Eduardo Hughes Galeano tinha o sonho de se tornar jogador de futebol:

Como todos os meninos uruguaios, eu também quis ser jogador de futebol. Jogava muito bem, era uma maravilha, mas só de noite, enquanto dormia: de dia era o pior perna-de-pau que já passou pelos campos do meu país. (Galeano, 1995: 9).

Em sua juventude trabalhou como pintor, desenhista, cobrador, caixa de banco, operário em fábrica de inseticida, diagramador e editor de jornais e revistas. Ainda na década de 60, com o objetivo de escrever sobre a América Latina, Galeano viajou por diversos países em busca de fontes documentais e relatos pessoais do sofrimento e da exploração a que estavam submetidos os excluídos. Nessa longa viagem Galeano sentiu que tinha a obrigação moral de encontrar uma forma de expressar a dignidade, o brutal sofrimento e a extraordinária beleza das vozes que conheceu. Esse compromisso com os vencidos e a tentativa de encontrar as palavras que façam justiça às lutas e resistências dos oprimidos marcará toda a sua obra.

Com a publicação de *As Veias Abertas da América Latina*, em 1971, Galeano tornou-se internacionalmente conhecido. O livro narra com inúmeras provas e fontes documentais a pilhagem, o saque de recursos naturais, a escravidão, o genocídio, o extermínio, a violência e a exploração colonial que rasgou de ponta a ponta o continente, do século XV até o fim do século XX.

Mas a rebeldia de suas palavras teve um alto preço. Depois do golpe de Estado no Uruguai em 1973, Galeano é preso e obrigado a exilar-se na Argentina, no entanto, em 1976 a Argentina também sofre um golpe militar e seu nome é colocado na lista dos “esquadrões da morte” do general Jorge Videla, o que novamente o obriga a exilar-se, dessa vez na Espanha. Seu livro é proibido em diversos países que se encontram em regimes ditatoriais, mas a censura não impede que ele se torne uma referência no imaginário da esquerda latino americana.¹

¹ “Os comentários mais favoráveis que o livro recebeu, não provêm de nenhum crítico literário de prestígio, mas das ditaduras militares que o elogiaram proibindo-o.” (Galeano no posfácio da edição brasileira de 1978).

A escritora Isabel Allende (2007), confessa que no Chile:

Depois do golpe de 1973 não pude levar muita coisa comigo: algumas roupas, fotos da família, um saquinho com barro do meu jardim e dois livros: uma velha edição de Odes, de Pablo Neruda, e o livro de capa amarela, *As Veias Abertas da América Latina*.

O escritor Alcy Cheuiche, nos conta que:

Nós vivíamos num período ditatorial e este foi um dos primeiros livros que realmente rompeu essa censura.²

E a professora Ilana Freitas recorda:

Durante a ditadura, *As Veias Abertas* era muito usado por professores de segundo grau de História e Geografia. Eram pessoas que, de forma muito corajosa, preocupavam-se em marcar uma posição de esquerda ou de crítica à ditadura.³

Não sendo um livro que se presta a opiniões desapaixonadas, *As Veias Abertas da América Latina*, desde sua publicação até os dias de hoje, tem sido promotor de grandes debates e alvo de fortes críticas, sobretudo de grupos mais conservadores que costumam rotulá-lo como “um anacrônico clássico da literatura esquerdista”. Reinaldo Azevedo, por exemplo, um dos colunistas mais famosos da revista *Veja* define o livro como “uma coleção de lamúrias e desastres em busca de culpados”,⁴ e o professor de Economia da UFRGS, Fernando Ferrari Filho, argumenta:

Este processo de pilhagem que ocorreu nos países da América Latina em função do colonialismo até um passado recente era relevante. Num mundo hoje em dia mais globalizado, não diria que seja tão relevante essa questão.⁵

² Declaração de Alcy Cheuiche em matéria do dia 13/11/2008, no site da agência de notícias RBS: <http://www.clicrbs.com.br/especial/jsp/default.jsp?action=noticias&id=2291595&espid=112>. Acessado em: 02/01/2014.

³ Declaração de Ilana Freitas em matéria do dia 03/08/2011, no site do jornal Sul 21: <http://www.sul21.com.br/jornal/galeano-faz-71-anos-enquanto-as-veias-permanecem-abertas-ha-40-ou-muito-mais/>. Acessado em 02/01/2014.

⁴ A coluna de Reinaldo Azevedo sobre o livro de Galeano foi publicada na revista *Veja* em 29/04/2009 e pode ser visualizada no site da revista: http://veja.abril.com.br/290409/p_136.shtml. Acessado em: 04/01/2014.

⁵ Declaração de Fernando Ferrari Filho em matéria do dia 13/11/2008, no site da agência de notícias RBS: <http://www.clicrbs.com.br/especial/jsp/default.jsp?action=noticias&id=2291595&espid=112>. Acessado em: 02/01/2014.

Uma crítica mais honesta ao seu livro e que o próprio autor reconhece, é que *As Veias Abertas* acaba por reduzir a história da América Latina a uma única dimensão sócio-econômica, quando na verdade ela é composta pela ampla multiplicidade de vozes que foram desde sempre oprimidas e subalternizadas pelo discurso hegemônico:

Não sei se a minha boca será digna delas; e sei muito bem que nenhuma obra literária poderia abrangê-las, todas. Mas essas vozes soam tão intensamente, que são uma tentação irresistível. (Galeano, 1990: 110).

O fato é que, ao contrário do que muitos imaginam, *As veias abertas da América Latina* nunca foi um ponto de chegada e sim um ponto de partida do pensamento de Galeano, como veremos a seguir. No entanto, mesmo hoje, mais de 40 anos depois de sua publicação, é inegável que ele segue sendo “um livro infelizmente atual”.⁶

Sendo a obra de Galeano muito extensa e diversificada com mais de 40 livros publicados em dezenas de idiomas, limitar-me-ei a comentar as contribuições de suas principais obras para um “mundo ao avesso”.⁷

2. Memória do Fogo e a linguagem *De pernas pro Ar*

Exilado na Espanha, Galeano dá início a uma outra obra buscando que sua boca seja digna da multiplicidade de vozes e de experiências que compõem a história da América. Apesar do sucesso de *As Veias Abertas da América Latina* algo o incomodava:

Que bela tarefa a de anunciar o mundo dos justos e dos livres! Que função mais digna, essa de dizer não ao sistema da fome e das cadeias – visíveis ou invisíveis! Mas os limites estão a quantos metros de nós? Até onde os donos do poder nos permitem ir? (Galeano, 1993: 123).

É bem verdade que seu livro havia sido censurado em diversos países, no entanto, Galeano percebe que para além da censura política imposta pelas ditaduras, há também a censura econômica que impede a maior parte da população de ler. Mas mesmo que não houvesse censura política e mesmo que os mais pobres tivessem

⁶ Forma com que o próprio Eduardo Galeano (2011) define *As Veias Abertas da América Latina* no prefácio da edição comemorativa de 40 anos da obra.

⁷ Subtítulo do livro *De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso* (Galeano, 1999) que será comentado a seguir.

acesso aos livros, há ainda uma terceira censura muito mais sutil, mas não menos perversa, a censura da linguagem: “Nós, os escritores latino-americanos, somos assalariados de uma indústria da cultura que serve de consumo para uma elite ilustrada à qual pertencemos e para quem escrevemos.” (Galeano, 1993: 123).

Dessa necessidade de escrever para os que não o podem ler surge a obra *Memória do Fogo*, em que Galeano (1985) se esforça para contar a história ignorada da América Latina sob a ótica dos vencidos e dos que foram secularmente explorados, sendo aqueles que jamais tiveram voz os seus protagonistas.

A história oficial está contada a partir dos, pelos e para os ricos, os brancos, os machos e os militares. A Europa é o Universo. Pouco ou nada aprendemos do passado pré-colombiano da América e, quanto ao da África, melhor nem falar: o conhecemos somente através dos velhos filmes de Tarzã. A história da América, a verdadeira, a atraçoada história da América, é uma história da dignidade incessante. Não existe um só dia do passado no qual não haja ocorrido algum ignorado episódio de resistência contra o poder e o dinheiro, mas a história oficial não menciona as sublevações indígenas nem as rebeliões de escravos negros, ou as menciona de esbarrão, quando as menciona, como episódios de mau comportamento – e jamais diz que algumas foram encabeçadas por mulheres.

(Galeano, 1993: 64-65)⁸

Neste sentido, poderíamos dizer que Galeano se esforça para realizar uma “historiografia das ausências”, (muito embora ele, obviamente, não utilize o termo) preocupada em encontrar e trazer à tona as experiências de dignidade dos vencidos que a história tradicional oculta e ignora.

Mas a mudança mais significativa de sua nova obra é a linguagem com que a história é contada. Durante oito anos Galeano se dedica a escrever a trilogia da história das Américas em um grande trabalho poético, histórico, épico e fantástico, no qual traça um painel vivo e emocionante do continente americano nos últimos quinhentos anos em uma inclassicável mistura de gêneros que violam todas as regras e convenções da historiografia de modo que *Memória do Fogo*:

⁸ Dado a impossibilidade de, tão somente com minhas próprias palavras, fazer justiça ao autor e sua obra, opto neste trabalho por utilizar um recurso estilístico semelhante ao do livro *De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso*, em que Galeano (1999) introduz crônicas e poesias ao longo de seus argumentos por meio de caixas de texto. Deste modo pretendo, simultaneamente, falar sobre o autor e oferecer fragmentos de suas diversas obras para que ele se apresente por si mesmo.

(...) não pertence a nenhum gênero literário, embora queira pertencer a todos, e alegremente viola as fronteiras que separam o ensaio da narrativa, o documento da poesia. Por que a necessidade de saber há de ser inimiga do prazer de ler? E porque a voz humana há de ser classificada como se fosse um inseto? (Galeano, 1990: 32).

A trilogia é fruto de mais de mil fontes documentais e as centenas de histórias contadas são resultado de uma rigorosa base de documentos, mas não há em *Memoria do Fogo* a pretensão da verdade e da neutralidade científica nem muito menos a arrogante erudição do discurso acadêmico. Afinal, um livro escrito contra a razão indolente que desperdiça as vastas experiências de resistência e de luta que vem dos oprimidos não poderia utilizar a mesma linguagem que deseja combater.

As histórias de *Memoria do Fogo* ocorreram na realidade e não em minha imaginação; mas eu sei muito bem que quem copia a realidade trai seus mistérios. A linguagem, que quis ser nua e contagiosa de eletricidade, nasceu da necessidade de dizer a memória da América e devolvê-la viva aos seus filhos de agora. (Galeano, 1990: 32).

Portanto, a obra de Galeano nos desafia a pensar formas de como sustentar credivelmente dentro do espaço acadêmico os argumentos que vem desde a perspectiva dos que sofrem e, ao mesmo tempo, profanar o discurso acadêmico exigido para a sustentação de tais argumentos.

A Liberdade

Há muito apagaram-se os latidos dos cães de caça e as trombetas dos caçadores de escravos.

O fugitivo atravessa o campo, montes de palha brava mais altos que ele, e corre para o rio.

Atira-se no campo de boca para baixo, os braços abertos, as pernas abertas. “Não sou uma coisa. Minha história não é a história das coisas”. Beija a terra, morde a terra, abraça a terra ternamente. Gruda seu corpo nu contra a terra molhada de orvalho e escuta o rumor das plantinhas ansiosas de nascer. Está louco de fome e pela primeira vez a fome é uma alegria. Tem o corpo todo cortado e não sente esses cortes. Vira para o céu, como se pudesse abraçá-lo. A lua sobe e brilha e o golpeia, violentos golpes de luz, pinceladas de luz de lua cheia e as estrelas suculentas, e ele ergue-se e busca o rumo.

- Também vais a Palmares? – Pergunta o fugitivo para a formiga que anda em sua mão, e pede:

- Me guia.

(Galeano, 1985: 317-318)

O discurso acadêmico e científico junto com seus métodos, suas variáveis, seu rigor, sua erudição e sua pretensão de neutralidade, tem se apresentado como o único legítimo produtor de conhecimentos válidos, desprezando e invisibilizando todas as demais formas de expressão e de comunicação humana que têm lugar no mundo. Por isso, o desafio de combater este “desperdício de experiência”⁹ e profanar a aridez da linguagem hegemônica é uma constante em praticamente todas as suas obras. Um belo exemplo dessas tentativas e experimentações é o livro *As Palavras Andantes* em que, para escrevê-lo, Galeano se associa a José Francisco Borges, um humilde cordelista do interior do Nordeste brasileiro.

Janela sobre este Livro

Em plena era da televisão, Borges continua sendo um artista da antiga tradição do cordel. Em minúsculos folhetos, conta causos e lendas: ele escreve os versos, talha as pranchas, imprime as gravuras, carrega os folhetos nos ombros e os oferece nas feiras, de povoado em povoado, cantando em ladainhas as façanhas das pessoas e dos fantasmas.

Eu vim à sua oficina para convidá-lo a trabalhar comigo. Explico meu projeto: imagens dele, suas artes da gravura, e palavras minhas. Ele se cala. Eu falo e falo, explicando. Ele, nada.

E assim continuamos, até que de repente percebo: minhas palavras não têm música. Estou soprando em flauta rachada. O não-nascido não se explica, não se entende: se sente, se apalpa quando se move. E então deixo de explicar; e conto.

Conto para ele as histórias de espantos e encantos que quero escrever, vozes que recolhi nos caminhos e sonhos meus, de tanto andar acordado, realidades deliradas, delírios realizados, palavras andantes que encontrei – ou fui por elas encontrado.

Conto a ele os contos; e este livro nasce.

(Galeano, 1994: 9)

Outro bom exemplo de experimentações subversivas contra o cânone acadêmico é o livro *De pernas pro Ar: a escola do mundo ao avesso*, em que Galeano (1999) mistura gêneros, estilos e linguagens para nos falar das “cátedras do medo”, dos “cursos básicos de racismo e machismo”, dos “trabalhos práticos de como triunfar na vida”, das “aulas magistrais de impunidade” e da “pedagogia da solidão”, em uma

⁹ Sobre o “desperdício da experiência” ver: Santos (2011).

crítica feroz à forma hegemônica de produzir conhecimentos. – “Mas não há escola que não encontre sua contraescola” – Diz, com razão, o autor.¹⁰

Por fim, pretendo falar ainda sobre o livro *Espelhos: uma história quase universal*, uma de suas mais recentes obras cujas contribuições merecem uma análise mais cuidadosa.

3. Os “espelhos estão cheios de gente”: as imprevistas lições dos vencidos¹¹

Se nas obras *As Veias Abertas da América Latina* e *Memória do Fogo* seus argumentos estão circunscritos ao continente americano, a partir de *O Livro dos Abraços* (1989) Galeano começa a romper com os limites da geografia e do tempo para refletir não apenas sobre a América Latina, mas sobre as formas de opressão e as lutas emancipatórias que ocorreram em todos os tempos e em todos os lugares. Esta ousadia do autor é progressivamente ampliada em suas obras como *De pernas pro ar: a escola do mundo ao revés* (1999) e *Bocas do Tempo* (2004) alcançando sua máxima expressão em *Espelhos: uma história quase universal* (2008).¹²

Ignorando enquadramentos teóricos, citações, metodologias e todos os constrangimentos e limites impostos pela academia, Galeano em seu recente livro *Espelhos: uma história quase universal* nos oferece uma visão densa da condição humana, das múltiplas formas de opressão e da infinita diversidade de experiências de luta e de resistência que ao longo dos tempos se levantaram e se levantam contra a injustiça e a indignidade ao redor do mundo.

A proposta é ambiciosa: Galeano se propõe a re-contar a história humana desde a perspectiva dos vencidos fazendo emergir os muitos mundos que o mundo é, os muitos mundos que o mundo esconde e, principalmente, os muitíssimos mundos que o mundo deseja ser. Em uma narrativa épica da aventura humana no mundo

¹⁰ É significativo reparar como essa crítica de Galeano vai de encontro à proposta da Universidade Popular dos Movimentos Sociais de ser uma “*contra-universidade*”.

¹¹ “Os espelhos estão cheios de gente. Os invisíveis nos vêem. Os esquecidos se lembram de nós. Quando nos vemos, os vemos. Quando nos vamos, se vão?” (Galeano, 2008).

¹² O próprio Galeano diz que “*com o passar do tempo fui apagando fronteiras, e cada vez me sinto mais livre dos mapas do mundo e do tempo: conto tudo que eu penso que merece ser contado e disseminado ocorra onde quer que ocorra e quando quer que ocorra: na América Latina ou onde e quando seja.*” Entrevista disponível em: http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805133&SecaoID=500709&SubsecID=0&Template=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=846191. Acessado 04/02/2014.

Galeano rende homenagem aos apaixonados, os sonhadores, os humanistas, os utopistas, os poetas, os profetas, os hereges, os rebeldes e os revoltosos sendo os protagonistas do livro os índios, os negros, as mulheres, os homossexuais, as crianças, os famintos, os camponeses, os operários, os escravos, os torturados, os analfabetos, os deficientes, os ineficientes, os invisíveis, os desprezados, os esquecidos, “os pensadores e sentidores; os curiosos, condenados a perguntar, e os rebeldes e os perdedores e os loucos lindos que têm sido e são o sal da terra.” (Galeano, 2008).

Proibido ser independente

Em meados de 1960, foi celebrada a cerimônia de independência do Congo, que tinha sido até então, colônia belga.

Discurso após discurso, o público se derretia de calor e de aborrecimento. O Congo, aluno agradecido, prometia se portar bem. A Bélgica, professora severa, advertia contra os perigos da liberdade.

Então explodiu o discurso de Patrice Lumumba. Falou contra o *império do silêncio*, e pela sua boca falaram os calados. Aquele estraga-prazeres prestou homenagem aos autores da independência, os assassinados, os presos, os torturados e os exilados que ao longo de tantos anos haviam se batido contra a *humilhante escravidão do poder colonial*.

Suas palavras, recebidas pelo silêncio de gelo do palco europeu, foram interrompidas oito vezes pelas ovações do público africano.

Aquele discurso selou seu destino.

Lumumba, recém-saído da cadeia, tinha vencido as primeiras eleições livres da história do Congo e encabeçava seu primeiro governo, mas a imprensa belga chamou-o de *delirante* e de *ladroão analfabeto*. Nas comunicações dos serviços belgas de inteligência, Lumumba foi apelidado de Satã. O diretor da CIA, Allen Dulles, mandou instruções aos seus funcionários:

– *A destituição de Lumumba deve ser nosso objetivo urgente.*

Dwight Eisenhower, presidente dos Estados Unidos, disse ao chanceler britânico lorde Home:

– *Desejo que Lumumba caia num rio cheio de crocodilos.*

Lorde Home levou uma semana para responder:

– *Chegou o momento de nos desfazermos dele.*

E o ministro de Assuntos Africanos do governo belga deu sua contribuição para a rodada de opiniões:

– *Lumumba deve ser eliminado de uma vez por todas.*

Oficiais belgas, ao comando de oito soldados e nove policiais o fuzilaram, no começo de 1961, junto a seus colaboradores mais próximos.

Temendo um levante popular, o governo belga e seus instrumentos congolezes, Mobuto e Tshombé, ocultaram o crime.

Quinze dias depois, o novo presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, anunciou:

– *Não aceitaremos que Lumumba volte ao governo.*

E Lumumba, que naquela altura já tinha sido fuzilado e dissolvido num barril de ácido sulfúrico, não voltou ao governo.

(Galeano, 2008: 303-304)

Ao longo das mais de 600 pequenas histórias contadas no livro se encontram Gandhi, Luther King, Jesus, Maome, Buda, São Francisco de Assis, Thomas Morus, Cervantes, Quixote, Tupac Amaru, Zumbi dos Palmares, Toussaint L'Ouverture, Marx, Lenin, Trotski, Mao Tsé-Tung, Ho Chi Minh, Bolivar, Zapata, José Marti, Guevara, Fidel, Sandino, Allende, Pedro Casaldáliga, Lumumba, Sankara, Mandela, Rosa Parks, Rosa Luxemburgo, Rigoberta Menchu, os levantes indígenas, os panteras negras, as feministas, os sem-terra, as mães da praça de maio...

Galeano acaba por fazer uma espécie de versão poética dos “mestres do mundo” para recordar o que merece memória. Mas o resgate da memória não é um simples passatempo. Para que a gente não se engane ao decidirmos o que desejaremos ser, em sua obra a memória do que fomos surge contra o colonialismo, o racismo, o machismo e o militarismo que nos impedem de reconhecer no espelho nosso rosto múltiplo e luminoso.

Jorge Luis Borges odiava os espelhos porque multiplicam as pessoas. Porque multiplicam as pessoas, lhes rendi uma homenagem no título do livro.¹³

4. Para além da palavra: O ativismo político de Galeano e sua influência nas lutas sociais da América Latina e do mundo

Em 2009, na quinta Cúpula das Américas, celebrada em Porto Espanha, o presidente venezuelano Hugo Chávez oferece publicamente um exemplar do livro *As Veias Abertas da América Latina* em seu primeiro encontro com o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. O gesto de Chávez foi, obviamente, uma provocação já que o livro denuncia abertamente a violência e a brutalidade das intervenções Norte-Americanas na América Latina, o apoio do EUA às ditaduras militares e as consequências devastadoras do imperialismo *yankee* em todo o continente. No entanto, o gesto de Chávez demonstra também o impacto e a influência de Galeano na “Revolución Bolivariana” levada a cabo na Venezuela.

¹³ Jorge Luis Borges é um poeta argentino escritor do poema *Os Espelhos Velados* (Borges, 1987), ao qual Galeano faz referência. Entrevista de Eduardo Galeano em matéria do dia 09/11/2008, no site da agência de notícias RBS: <http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/noticia/2008/11/eduardo-galeano-se-mira-no-espelho-2287345.html>.

O caso mais escandaloso de manipulação da opinião pública mundial é o caso da Venezuela. No grande teatro do bem e do mal há distribuição de funções entre anjos e de demônios e Hugo Chávez é um dos principais demônios. É um ditador, do ponto de vista da fábrica da opinião pública mundial. Um estranho ditador que ganhou cinco eleições democráticas em oito anos.

A Venezuela é um país estranho em que ocorre isso e que, ao mesmo tempo, se assistem denúncias sobre falta de liberdade de expressão. Vejo a televisão e há um senhor que diz que não há liberdade de expressão; ligo o rádio e uma voz clama “aqui não há liberdade de expressão”; abro o jornal e há um título enorme que diz que na Venezuela não há liberdade de expressão. Mas os meios de comunicação não comunicam a fala dos venezuelanos pobres que é mais expressiva que qualquer discurso: “Eu não quero que Chávez saia, porque não quero voltar a ser invisível”.¹⁴

Mas a “Revolución Bolivariana” não é a única experiência contra-hegemônica a buscar inspiração nas obras de Galeano. Como suas obras são verdadeiras homenagens às experiências de luta e de resistência ao capitalismo, ao colonialismo e às múltiplas formas de opressão, boa parte dos movimentos de libertação e governos progressistas de diversas regiões do mundo foram influenciados por suas obras.

Ainda na década de 60, Galeano entrevistava o guerrilheiro Cesar Montes nas selvas da Guatemala; em 1975 e 1978, Cuba lhe oferece duas vezes o prêmio “Casa de las Américas” e a Lannan Foundation o ofereceu o “Cultural Freedom Prize”, destinado às “pessoas cuja extraordinária e corajosa obra celebra o direito humano à liberdade de imaginação, investigação e expressão”; em 1988, no Chile, em plena ditadura do general Augusto Pinochet, Galeano realiza a abertura do Festival Internacional “Chile Cria” com um vigoroso discurso a favor da campanha “Nós dizemos Não” que acabou por contribuir para o fim do regime militar;¹⁵ Desde a selva de Lacandona, na região de Chiapas, ao Sul do México, o Sub-Comandante Marcos, do Exército Zapatista de Libertação Nacional, o convida para o “Primeiro Encontro Internacional pela Humanidade e contra o Neoliberalismo” em 1995; presente desde a primeira edição do Fórum Social Mundial em 2001, foi convidado para um debate histórico do evento em 2005 que contou também com a presença de José Saramago e Ignacio Ramonet; em 2006 Evo Morales, o primeiro presidente indígena das Américas, o convida para discursar na sua cerimônia de posse na Bolívia; e em 2011, apesar do câncer que teve

¹⁴ Discurso de Eduardo Galeano disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=9I0WZFj99jw>. Acessado em 07/01/2014.

¹⁵ O lema da campanha chilena contra o ditador Augusto Pinochet acabou tornando-se título de sua obra *Nós Dizemos Não* (Galeano, 1990).

alguns anos antes, esteve presente nas ocupações realizadas pelos “indignados” de Madri e Barcelona, onde afirmou que manifestações como essas são “o testemunho de que viver vale a pena”.¹⁶

Dizendo não às ditaduras, e não às ditaduras disfarçadas de democracias, nós estamos dizendo sim à luta pela democracia verdadeira, que a ninguém negará o pão e a palavra, e que será bela e perigosa como um poema de Neruda ou uma canção de Violeta Parra.

Discurso de Galeano no Festival Internacional “Chile Cria”,
realizado em julho de 1988. (Galeano, 1990: 13).

Os livros e intervenções políticas de Galeano tem também tido uma importante influência no mundo árabe, pois o autor assume um forte ativismo contra o horror das guerras levadas a cabo pelas potências militares no Oriente Médio; a favor do Sahara Ocidental, território ocupado pelo Marrocos a mais de 20 anos e que o autor chama de “a última colônia da África”,¹⁷ e a favor da causa palestina denunciando as sistemáticas violações de direitos humanos e convenções internacionais cometidas pelo Estado de Israel que, “jamais cumpre as recomendações e as resoluções das Nações Unidas” (Galeano, 2012: 132).

A informação global

Poucos meses depois da queda das Torres Gêmeas, Israel bombardeou Yenin.

Esse campo de refugiados palestinos ficou reduzido a uma imensa cratera, cheia de mortos debaixo das ruínas.

A cratera de Yenin tinha o mesmo tamanho que a das torres de Nova York.

Mas quantos a viram, além dos sobreviventes que revolviam os escombros à procura de sua gente?

(Galeano, 2004: 334)

No entanto, apesar do sucesso de seus livros e do impacto político e social que suas palavras e seu ativismo tiveram nos movimentos de libertação e nos governos progressistas da América Latina e do mundo, Galeano segue sendo um autor

¹⁶ Entrevista de Galeano aos “indignados” de Barcelona. O vídeo encontra-se disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=mdY64TdriJk>. Acessado em 10/01/2014.

¹⁷ Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=PFvYccqd8nM>. Acessado em: 13/02/2014.

praticamente ignorado pelas ciências sociais que, em geral, descredibilizam a força e a beleza de suas diversas obras pelo simples fato de ele não ser um intelectual acadêmico e seu pensamento não ser expresso na fria e árida linguagem formal da ciência.¹⁸

É bastante sintomático perceber a inexistência de intelectuais que escrevam sobre ele ou dialoguem com sua obra dentro das ciências sociais, e não deixa de ser curioso perceber que isso ocorre justamente porque Galeano pretende se aproximar dos movimentos sociais ao optar por uma linguagem apaixonada e abertamente militante em suas obras.

Em geral seus livros são tratados com certo desprezo e arrogância pela academia como textos de literatura e de ficção descredibilizando, assim, todo o seu trabalho e as contribuições de seu pensamento para a reinvenção da emancipação social. No entanto, ao buscar se aproximar dos que sofrem e dos que lutam por outros mundos possíveis, Galeano inaugura uma nova linguagem que diz de forma lírica poética e apaixonada, muito do que a teoria crítica e o pensamento pós-colonial têm produzido na linguagem formal e, convenhamos, inacessível, da academia.¹⁹

Ignorar a riqueza e as potencialidades dessa nova linguagem é, sem dúvida, um enorme desperdício de experiência. Um bom exemplo dessa indolência da teoria crítica e de sua paradoxal incapacidade de dialogar com os que pretende conhecer é a obra *Pode o subalterno falar?* em que Spivak (2010), ao mesmo tempo que argumenta sobre os mecanismos que impedem os oprimidos de expressarem suas reivindicações, o faz em uma linguagem tão hermética, rebuscada e erudita que poderíamos, paradoxalmente, perguntar “pode o subalterno ler” o que Spivak tem a dizer? Não seria importante para a teoria crítica e para o pensamento pós-colonial ser capaz de escrever os mesmos argumentos de Spivak em uma linguagem capaz de efetivamente dialogar com os subalternos que são impedidos de expressarem suas reivindicações? Com todo o respeito pela complexidade que a ciência venera, e da qual retira sua

¹⁸ Na mesma entrevista aos indignados, quando chamado de intelectual, Galeano responde: “*Eu não sou um intelectual. Os intelectuais me dão pena... Eu não quero ser um intelectual. Os intelectuais são os que divorciam a cabeça do corpo e eu não quero ser uma cabeça que rola por aí.*”

¹⁹ “*Provoca-me engulhos, confesso, ler alguns trabalhos valiosos de certos sociólogos, politicólogos, economistas ou historiadores. A linguagem hermética nem sempre é o preço inevitável da profundidade.*” (Galeano, 1978: 186).

autoridade, se nossas palavras não puderem ser compreendidas e apropriadas pelos que lutam e pelos que sofrem, essas palavras são conhecimento-lixo.

5. Entre Eduardo e Boaventura: diálogos e convergências

Como foi possível constatar ao longo deste artigo, a pluralidade de temas tratados nas obras de Galeano e a diversidade de regiões, sobretudo do Sul do mundo, que dialogam com seu pensamento nos permite defini-lo como um autor cosmopolita subalterno, ou seja, um autor que permanentemente dialoga com a infinita diversidade de experiências e projetos contra-hegemônicos de emancipação social.

Neste trabalho busquei demonstrar a importância e a riqueza dos possíveis debates e diálogos entre o pensamento de Galeano e uma teoria crítica que enxerga nas palavras uma forma de resistência, de luta e de transformação do mundo. Não encontro, no entanto, forma melhor de demonstrar a importância e a riqueza destes possíveis diálogos que comparar as insuspeitadas conexões, complementaridades e convergências entre as obras de Eduardo Galeano e Boaventura de Sousa Santos.

Se Santos busca dar voz às experiências e alternativas contra-hegemônicas disponíveis e possíveis que foram descredibilizadas e invisibilizadas pela “razão indolente”, Galeano busca resgatar a memória das experiências e alternativas contra-hegemônicas do passado recordando as lutas e resistências que foram igualmente descredibilizadas e invisibilizadas por essa mesma “razão indolente” da ciência e da história. Se Santos propõe, uma sociologia das ausências e das emergências, poderíamos dizer que Galeano realiza uma historiografia das ausências e das emergências. Se Galeano busca uma aproximação com os que lutam e os que sofrem através de uma linguagem que lhes seja acessível, inspiradora e apaixonada como são os movimentos em suas lutas, Santos se esforça para aproximar-se dos ativistas, organizações e movimentos que lutam por um outro mundo possível através da Universidade Popular dos Movimentos Sociais e também através de outras linguagens como o Rap.²⁰

²⁰ Boaventura de Sousa Santos publicou um livro de rap chamado *Rap Global* com o pseudônimo de Queni N.S.L. Oeste (2010). O livro foi recentemente musicalizado por movimentos de rap do Rio Grande do Sul que lançaram um show com suas letras na edição de 10 anos do Fórum Social Mundial.

Mas as semelhanças entre os dois autores não são apenas nos métodos, são também temáticas. Enquanto Santos leva adiante o “Projeto Alice: Espelhos estranhos, lições imprevistas”, Galeano dá o título de “Espelhos” a uma de suas obras mais recentes e em *De pernas pro ar* inicia o livro com uma crônica precisamente sobre a Alice nos dias de hoje.

Se Alice Voltasse

Há cento e trinta anos, depois de visitar o País das Maravilhas, Alice entrou num espelho para descobrir o mundo ao avesso. Se Alice renascesse em nossos dias, não precisaria atravessar nenhum espelho: bastaria que chegasse à janela.

(Galeano, 1999: 2)

Enquanto Santos argumenta, em muitos de seus livros e artigos, a necessidade de uma concepção multicultural dos direitos humanos,²¹ Galeano (1990) escreve que na Declaração Universal dos Direitos Humanos “falta muito mais do que aquilo que tem”, pois na Declaração não figura, por exemplo, “o direito à indignação, que é o menos que a dignidade humana pode exigir quando condenada a ser indigna”, nem tampouco se encontra o “direito à esperança, à esperança faminta, louca e obstinada”:

Sonhar não faz parte dos trinta direitos humanos que as Nações Unidas proclamaram no final de 1948. Mas, se não fosse por causa do direito de sonhar e pela água que dele jorra, a maior parte dos direitos morreria de sede. (Galeano, 1999).

Se Santos nos fala sobre a infinita diversidade epistemológica do mundo e sobre como ela é sistematicamente ignorada pela razão indolente, que se impõe como a única razão existente invisibilizando todas as demais formas de conhecer, pensar e sentir o mundo, Galeano nos oferece, de forma sutil e com extraordinária delicadeza a metáfora da cegueira dessa razão.

²¹ Recentemente Santos (2013) publicou a obra *Se Deus Fosse um Ativista dos Direitos Humanos*. Para outros trabalhos do autor sobre os Direitos Humanos ver Santos 2009 e 2001.

Pontos de Vista

Ticio Escobar acompanhou uma equipe de televisão, que viajou até o Chaco, vinda de muito longe, para filmar cenas da vida cotidiana dos ishir.

Uma menina indígena perseguia o diretor da equipe, silenciosa sombra colada ao seu corpo, e olhava fixo a sua cara, muito de perto, como querendo meter-se em seus estranhos olhos azuis.

O diretor recorreu aos bons ofícios de Ticio, que conhecia a menina e entendia a sua língua. Ela confessou:

- Eu quero saber de que cor o senhor vê as coisas.
- Da mesma que você – sorriu o diretor.
- E como é que o senhor sabe de que cor eu vejo as coisas?

(Galeano, 2004: 153)

Se Santos nos fala da necessidade da aposta e da importância da utopia no momento presente,²² Galeano nos oferece com suas palavras o estímulo para fazermos a aposta na utopia:

Não só é realista aquele que pinta a realidade que conhece e padece, mas também são realistas aqueles que pintam a realidade de que necessitam, porque na barriga desse mundo há um outro mundo possível.²³

Por fim, penso que a maior contribuição que Galeano nos oferece são as imagens desestabilizadoras que suas obras contêm. De acordo com Santos (2010: 83) “Só as imagens desestabilizadoras nos podem restituir a capacidade de espanto e de indignação”. Para recuperar tal capacidade, diz Santos, é preciso reinventar o passado construindo “interrogações poderosas e tomadas de posição apaixonadas capazes de sentidos inesgotáveis.” Ora, é precisamente isso que Galeano realiza em seu trabalho trazendo-nos, através de suas crônicas e histórias, imagens desestabilizadoras do passado que nos provocam uma perplexidade indignada tornando o presente fonte de revolta porque tal passado continua a ocorrer e porque as injustiças geradas por ele podem ser evitadas pela iniciativa humana.

²² Ver Santos (2008a) e Santos (2008b).

²³ Discurso de Galeano no evento em comemoração aos 400 anos da obra *Dom Quixote de la Mancha*, (Cervantes, 1605) que ocorreu no Fórum Social Mundial de 2005 em Porto Alegre. O vídeo do evento encontra-se disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=IUQLMmUZE5k>. Acessado em 10/01/2014.

Terra que arde

Na madrugada do dia 13 de fevereiro de 1991, duas bombas inteligentes arreventaram uma base militar subterrânea num bairro de Bagdá.

Só que a base militar não era uma base militar. Era um refugio, cheio de gente que dormia. Em poucos segundos, converteu-se numa grande fogueira. Quatrocentos e oito civis morreram carbonizados. Entre eles, cinqüenta e duas crianças e doze bebês.

O corpo inteiro de Khaled Mohamed era uma chaga ardente. Achou que estava morto, mas não. Abrindo caminho, apalpando, conseguiu sair. Ele não enxergava. O fogo havia grudado suas pálpebras.

O mundo também não enxergava. A televisão estava ocupada exibindo os novos modelos das maquinas de matar que aquela guerra estava lançando no mercado.

(Galeano, 2004: 329)

As teorias críticas e pós-coloniais, se quiserem mesmo dialogar com os que sofrem, e se quiserem mesmo superar o imenso fosso entre a teoria produzida pelos intelectuais e as práticas sociais produzidas pelos movimentos que lutam em todo o mundo contra as múltiplas faces da opressão, terão que construir imagens e linguagens desestabilizadoras capazes de traduzir o absurdo do sofrimento humano injusto de modo a torná-lo insuportável. Boaventura de Sousa Santos (2011: 253) diz que o conhecimento-emancipação é uma forma de conhecer o mundo “segundo uma trajetória que parte do colonialismo e termina em solidariedade.” Eu penso que as obras de Eduardo Galeano souberam honrar essas palavras e, por isso, encerro com uma pergunta forte que o autor nos deixa e que, como toda a sua obra, nos enche de perplexidade:

E a gente se pergunta: que imagem deslumbrante se erguerá no final dos séculos de medo, quando a realidade deixar de ser um mistério e a esperança um consolo? Quando o poder for de todos e a palavra também, nossas terras, o que dirão? (Galeano, 1993: 70).

6. Vídeos

Conferência de Galeano no I FSM:

<http://www.youtube.com/watch?v=IMmgPqP-VHw>

Conferencia de Galeano no III Fórum Social Mundial:

http://www.youtube.com/watch?v=6T5y_hqFi3k

Conferência de Galeano no Fórum Social Mundial com José Saramago e Ignácio Ramonet:

<http://www.youtube.com/watch?v=IUQLMmUZE5k>

Discurso de Galeano na posse de Evo Morales:

http://www.youtube.com/watch?v=4QG1T_DLvR4

Galeano fala sobre Chaves:

<http://www.youtube.com/watch?v=9I0WZFi99jw>

Galeano fala sobre Salvador Allende:

<http://www.youtube.com/watch?v=b9s8liF0aBg>

Galeano sobre Pepe Mujica:

<http://www.youtube.com/watch?v=WKEIdU8lbVY>

Galeano fala sobre o Subcomandante Marcos:

<http://www.youtube.com/watch?v=MuvVEV2ZR6Q>

Galeano fala sobre os indignados na acampada de Barcelona:

<http://www.youtube.com/watch?v=mdY64TdriJk>

Entrevista de Galeano sobre *As veias Abertas da América Latina*:

<http://www.youtube.com/watch?v=TV-XHqa9SjQ>

Entrevista de Galeano sobre *Memória do Fogo*:

<http://www.youtube.com/watch?v=AC1hLEq5UAg>

Galeano fala sobre o Sahara Ocidental (Muros):

<http://www.youtube.com/watch?v=16mQ-jHdEgo>

Entrevista de Galeano no *Sangue Latino*:

http://www.youtube.com/watch?v=w8rOUoc_xKc

Entrevista de Galeano a Emir Sader:

<http://www.youtube.com/watch?v=2VG0Zxi1HO8>

Documentário sobre Galeano realizado pela TVE:

<http://www.youtube.com/watch?v=SECx7HWsb70>

Documentário *Las venas Abiertas de América Latina*:

<http://www.youtube.com/watch?v=ZOBd1AwBjO8&list=PL3D811C1120B7A867>

Documentário *De ojos bien abiertos*:

<http://www.youtube.com/watch?v=kfpBjbQTFIE>

7. Livros Publicados

Galeano, Eduardo (2012), *Os Filhos dos Dias*. Porto Alegre: L&PM.

Galeano, Eduardo (2008), *Espelhos. Uma história quase universal*. Porto Alegre: L&PM.

Galeano, Eduardo (2004), *Bocas Do Tempo*. Porto Alegre: L&PM.

Galeano, Eduardo (2002), *O Teatro do Bem e do Mal*. Porto Alegre: L&PM Pocket.

Galeano, Eduardo (1999), *De pernas pro ar: A escola do mundo ao avesso*. Porto Alegre: L&PM.

Galeano, Eduardo (1997), *Mulheres*. Porto Alegre: L&PM.

Galeano, Eduardo (1995), *O futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM.

Galeano, Eduardo (1994), *Úselo y tírelo*. Buenos Aires: Planeta.

Galeano, Eduardo (1993a), *Ser como Eles*. Rio de Janeiro: Revan.

Galeano, Eduardo (1993b), *Amares*. Madrid: Alianza.

Galeano, Eduardo (1994), *As Palavras Andantes*. Porto Alegre: L&PM.

Galeano, Eduardo (1991), *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: L&PM.

Galeano, Eduardo (1990), *Nós dizemos não*. Rio de Janeiro: Revan.

Galeano, Eduardo (1988), *Contra-senha*. São Paulo: Ícone.

Galeano, Eduardo (1985), *Memória do Fogo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Galeano, Eduardo (1983), *A Pedra Arde*. São Paulo: Loyola.

Galeano, Eduardo (1978), *Dias e noites de amor e de guerra*. São Paulo: Paz e Terra.

Galeano, Eduardo (1976), *A canção de nossa gente*. São Paulo: Folhetim.

Galeano, Eduardo (1973), *Vagamundo*. São Paulo: Paz e Terra.

Galeano, Eduardo (1971), *As veias abertas da América Latina*. São Paulo: Paz e Terra.

8. Referências Bibliográficas

Allende, Isabel (2007), "Prefácio". In: Galeano, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. São Paulo: Paz e Terra.

Borges, Jorge Luis (1987), "Os Espelhos Velados". In: *O Fazedor*. Rio de Janeiro: Bertrand.

Cervantes, Miguel de (1605), *Don Quijote de la Mancha*. Madrid: Juan de la Cuesta.

Galeano, Eduardo (2011), *As Veias Abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM Pocket.

Galeano, Eduardo (2012), "Quem deu a Israel o direito de negar todos os direitos", *Revista Fórum*, 27/11/2012. Disponível em: <http://revistaforum.com.br/blog/2012/11/eduardo-galeano-quem-deu-a-israel-o-direito-de-negar-todos-os-direitos/>. Acessado em: 13/02/2014.

Galeano, Eduardo (2008), *Espelhos. Uma história quase universal*. Porto Alegre: L&PM.

Galeano, Eduardo (2004), *Bocas Do Tempo*. Porto Alegre: L&PM.

Galeano, Eduardo (1999), *De pernas pro ar: A escola do mundo ao avesso*. Porto Alegre: L&PM.

Galeano, Eduardo (1995), *O futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM.

Galeano, Eduardo (1994), *As Palavras Andantes*. Porto Alegre: L&PM.

Galeano, Eduardo (1993), *Ser como Eles*. Rio de Janeiro: Revan.

Galeano, Eduardo (1990), *Nós dizemos não*. Rio de Janeiro: Revan.

- Galeano, Eduardo (1989), *El Libro de los Abrazos*. Montevideo: Siglo XXI.
- Galeano, Eduardo (1985), *Memória do Fogo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Galeano, Eduardo (1978), *As veias abertas da América Latina*. São Paulo: Paz e Terra.
- Queni, N.S.L. Oeste (2010), *Rap Global*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- Santos, Boaventura de Sousa (2013), *Se Deus fosse um ativista dos Direitos Humanos*. São Paulo: Cortez.
- Santos, Boaventura de Sousa (2011), *A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez.
- Santos, Boaventura de Sousa (2010), *A Gramática do tempo*. São Paulo: Cortez.
- Santos, Boaventura de Sousa (2009), "Direitos humanos: o desafio da interculturalidade", *Revista Direitos Humanos*, 2, 10-18.
- Santos, Boaventura de Sousa (2008a), "A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, 11-43.
- Santos, Boaventura de Sousa (2008b) "El Foro Social Mundial y la Izquierda Global". *El Viejo Topo*, 240, 39-62.
- Santos, Boaventura de Sousa (2002), "Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, 237-280.
- Santos, Boaventura de Sousa (2001), "Para uma Concepção Multicultural dos Direitos Humanos", *Contexto Internacional*, 23, 1, 7-34.
- Spivak, Gayatri Chakravorty (2010), *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG.